



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17350 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

#### O MOBREAL PELO PRISMA DA VIVÊNCIA DOS SUJEITOS

Eduardo Schenfel Garcia Baena - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Ana Luiza Bustamante Smolka - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESP

#### O MOBREAL PELO PRISMA DA VIVÊNCIA DOS SUJEITOS

A sexta canção de militância pedagógica, de Carlos Rodrigues Brandão, propõe ao leitor um questionamento: há o Mobral e há os grupos locais das lutas populares, em qual dos lados ficamos, professor? O caráter antagônico da provocação explicita dois extremos: de um lado, um movimento implementado pela ditadura militar, do outro, grupos de educação popular que resistiram às inúmeras tentativas de extinção promovidas pelo regime autoritário. A resposta aparenta ser óbvia, principalmente para aqueles que concebem a educação como prática de emancipação. No entanto, juízos de valor podem conter armadilhas que orientam a produção de análises precipitadas. A fim de tentar esquivar-se destes perigos, Ginzburg elaborou o paradigma indiciário: “...se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (Ginzburg, 1989). Para responder à pergunta posta por Brandão, é preciso auscultar as fontes históricas, a começar pela literatura acadêmica.

O golpe militar tentou suprimir os movimentos de cultura e educação popular que haviam vigorado no início da década de 60 (Fávero; Freitas, 2011). Coube à Cruzada do ABC, organizada pela USAID, suprir essa ausência e encarregar-se da educação de adultos. No entanto, o projeto de governo promovido pelos militares alicerçava-se no discurso do desenvolvimento nacional. Era necessária a “nacionalização” dos programas de alfabetização para legitimar o regime junto às camadas populares. Assim, em 1970 o Mobral iniciou suas atividades, compartilhando o “objetivo de legitimação do regime e de minimização das tensões sociais, mas como programa nacional e laico” (Paiva, 2003).

A concepção empregada pelo programa foi a de alfabetização funcional, pois “levaria o aluno a descobrir sua função, seu papel no tempo e no espaço em que vive” (Mobral, 1975). A denominação é significativa, pois “alfabetiza-se para cumprir determinadas funções, para ser funcional para o sistema” (Pinto, 1986), para “semiqualificar o profissional” (Mobral, 1973).

A funcionalidade da alfabetização também estava associada à concepção de educação implementada pela Teoria do Capital Humano, que argumentava que o investimento, estatal ou privado, em formação e qualificação “resultaria no aumento das rendas individuais, de acordo com seu mérito pessoal” (Souza, 2006).

Essa concepção de alfabetização funcional sofreu transformações: a CPI do Mobral; a redemocratização iniciada no governo de Ernesto Geisel; o fim do AI-5; o fim do bipartidarismo, a luta pela anistia e o fortalecimento do movimento estudantil, em 1979; a fundação do PT; afetaram os projetos de educação desenvolvidos pelo movimento, fazendo com que o Mobral adequasse seus programas às demandas governamentais e sociais. (Paiva, 2003)

A contextualização histórica e a análise dos aspectos estruturais do Mobral possibilitaram explicitar, na pesquisa em andamento, as rupturas e continuidades do programa, entretanto, essa via investigativa carecia de um elemento crucial para escrutinar o objeto de estudo: os sujeitos históricos que participaram do movimento. Encontrar estes sujeitos e entrevistá-los ensejaria o desvelamento de novos significados.

As entrevistas realizadas com os sujeitos encontrados até o momento foram amparadas teórica e metodologicamente pela história oral, pois parte do pressuposto de que “cada indivíduo é ator da história” (Joutard, 2000), e porque redefine as zonas limítrofes entre o espaço público e o privado, “a história oral nos oferece acesso à historicidade das vidas privadas” (Portelli, 2016), fazendo transbordar o privado na esfera pública.

A teoria histórico-cultural de Vigotski (1996), por sua vez, também contribui, teórica e metodologicamente, para a compreensão e análise do processo de significação da vivência do sujeito a partir de sua posição e participação na dinâmica das relações sociais (Pino, 2000).

Ao entrevistar minha avó, que cursou o Mobral durante a década de 80, diante da exigência da instituição de que seus funcionários tivessem ao menos o ensino primário completo, as potencialidades da pesquisa emergiram. De acordo com ela: o “Mobral foi excelente, através dele eu consegui meu diploma e garanti meu emprego” (L. 2024). A necessidade de sobreviver, de obter melhores condições de vida, de se inserir em um sistema que havia criado uma demanda para absorver a mão de obra qualificada; significados que marcam seu discurso e permitem inferir a multiplicidade de sentidos do Mobral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mobral; significado; vivência.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A cultura do povo e a educação popular: sete canções de militância pedagógica. *In: BEZERRA, Aida; et al. A questão da política educacional.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

FÁVERO, Osmar; FREITAS, Marinaide. A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente. *Inter-Ação, Goiânia, v.36, n.2, p. 365-392, 2011.*

GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JOUTARD, P. Desafios à história oral do século XXI. *In: História oral: desafios para o século XXI.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p.31-47. ISBN 85-85676-84-1.

PAIVA, Vanilda. História da educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos. 6. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade, ano XXI, n<sup>O</sup> 7 de julho, 2000.*

PINTO, João Bosco. Reflexões sobre as estratégias educativas do Estado e a prática da educação popular. *In: PAIVA, Vanilda; et al. Perspectivas e dilemas da educação popular.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SOUZA, José dos Santos. O recrudescimento da teoria do capital humano. *Cadernos Cemarx, Campinas, SP, n. 3, p. 159–172, 2006.*

VIGOTSKI, L. S. Teoria e método em psicologia. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.